



GAVIOLI, Izabela Lucchese. **COREOGRAFIA '21' DO GRUPO CORPO: PROCESSO DE CRIAÇÃO CÊNICA E IDENTIDADE ARTÍSTICA.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (Mestrado); orientadora Mônica Fagundes Dantas

RESUMO

A coreografia "21", criada pelo coreógrafo residente do Grupo Corpo, Rodrigo Pederneiras, em 1992, é entendida pela crítica e pelos profissionais de dança como um divisor de águas na dança brasileira. Levada a público 16 anos após a criação do grupo, em 1976, "21" condensa o direcionamento perceptível do fim do século XIX até então, quando a dança brasileira buscava uma identificação de estilo e de técnica. A obra repousa sobre as divisões rítmicas possíveis do número 21, utilizando movimentações cadenciadas, descentralizadas e com abundante detalhamento cinético. O hibridismo técnico do elenco fica evidente, trazendo à coreografia o folclore e a dança contemporânea sobre uma forte base clássica. A referência visual cenográfica e de figurinos é também muito definida e, sem propor uma mera folclorização, participa da construção da identidade da obra.

O presente estudo qualitativo expõe uma revisão sobre o processo coreográfico de "21", situando a obra em cronologia e relevância dentro da história do grupo e da construção de sua identidade artística. São utilizados registros históricos e contemporâneos indiretos (bibliografia, periódicos, vídeos e fotografias).

PALAVRAS-CHAVE: coreografia; música; Grupo Corpo; brasilidade

RESUMÉ

La chorégraphie "21", créé par le chorégraphe résident du Grupo Corpo, Rodrigo Pederneiras, en 1992, est considéré par critiques et professionnels de danse comme un marqueur créatif dans la danse brésilienne. Présenté au publique 16 ans après la création du groupe, en 1976, "21" condense une direction perceptible de la fin du dix-neuvième siècle jusqu'à aujourd'hui, quand la danse brésilienne demandait une identification de style et de technique. L'oeuvre repose sur les divisions rythmiques possibles du numéro 21, en utilisant des mouvements décentralisés avec des abondants détails cinétiques. L'hybridité technique est évidente, portant des éléments de folklore et de danse contemporaine sur une solide base classique. La référence visuelle des costumes et des décors est également bien définie, et sans proposer une simple folklorisation, participe à la construction de l'identité de l'œuvre. Cette étude qualitative présente une revue du processus chorégraphique de "21", plaçant l'œuvre dans la chronologie du groupe et dans la construction de son identité artistique. Des documents historiques et contemporains indirects (bibliographie, périodiques, vidéos et photos) sont utilisés.

MOTS-CLÉS: chorégraphie; musique; 'Grupo Corpo'; 'brasilité'

O Grupo Corpo é, hoje, uma das mais representativas companhias de dança do Brasil, exibindo padrões de maturidade administrativa, social e mercadológica, além de inegável inserção na cena internacional. Foi fundado em 1976, em Belo Horizonte, idealizado por seis irmãos de uma família de classe média, que alavancaram sua produção artística com recursos próprios até a plena profissionalização.

A historiografia da companhia, já destacada por REIS (2004, 2005), segue uma tendência de periodização da trajetória estética, bem definida pelos especialistas da área: uma primeira fase qualificada como o “aprendizado coreográfico de Rodrigo Pederneiras” (coreógrafo residente do grupo), que inclui as obras “Maria, Maria” (1976), “Cantares” (1978), “O Último Trem” (1980), “Tríptico e Interanea” (1981), “Noturno e Reflexos” (1982) e “Sonata” (1984). Em seguida, uma segunda fase representada por “Prelúdios” (1985), sobre a qual afirma Helena Katz:

Prelúdios muda tudo. Rodrigo passa a ser considerado um coreógrafo profissional de primeira linha e o país inteiro passa a celebrá-lo como um artista em quem apostar. (in: REIS, D, 2004)

Aponta-se então uma terceira fase, chamada de “fase brasileira”, onde a consagração perante à crítica e ao público está estreitamente relacionada à “brasilidade”, entendida como um estilo próprio de dançar. Nesta fase estão os balés “21” (1992), “Nazareth” (1993), “Parabelo” (1997), “Benguelê” (1998) e “Santagustim” (2002). É precisamente sobre a obra “21” que versa esta pesquisa, aprofundando-se sobre seu processo coreográfico.

Segundo Ida Vicenzia (in: REIS, 2004), “21” é o balé que, por consenso, inaugura uma nova fase do grupo. Inês Bogéa (2001), integrante do primeiro elenco da obra, ressalta que “ ‘21’ é um divisor de águas, não só para a carreira do grupo no Brasil, mas também para a definição internacional de certo estilo ‘brasileiro’ de conceber a dança.” Sobre a relevância do Grupo Corpo, Dalal Achcar (1998) declara, em seu capítulo sobre “O *Ballet* no Brasil”:

Também de Belo Horizonte vem a que talvez seja, hoje, a melhor de nossas companhias de menor porte: o Grupo Corpo. Depois de dois sucessos internacionais assinados pelo coreógrafo Oscar Araiz com músicas de Milton Nascimento, ‘Maria Maria’ e ‘O Último Trem’, encontraram em Rodrigo Pederneiras um talentoso coreógrafo, que com ‘Noturno’, ‘Reflexos’, ‘Sonata’ e ‘Prelúdios’, revelou uma inventividade excepcional somada a uma musicalidade rara.

Na mesma publicação, em outro capítulo, corrobora:

Falar de Minas Gerais é falar primeiramente do Grupo Corpo. A maior companhia de dança do país vem [...] rompendo seus próprios recordes. Segundo a crítica Helena Katz, as obras *Bach* e *Parabelo* ‘formam os padrões da motricidade peculiar ao corpo do brasileiro. Nesse caminho, o Brasil foi deixando de ser um assunto para começar a ser uma gramática’. Como resultado, é o único grupo de dança brasileiro convidado para ser residente num teatro europeu, a *Maison de La Danse*, em Lyon.

Os primeiros trabalhos do coreógrafo residente e de um dos irmãos fundadores, Rodrigo Pederneiras, já se lançavam a uma experiência criadora singular não de forma intencional, mas como resultado do período de formação do coreógrafo (ele próprio bailarino, anteriormente), que transitava entre a linguagem clássica e a técnica moderna de Martha Graham. Como descreve o próprio Pederneiras, um extenso exercício coreográfico, em diversos grupos, circunstâncias e eventos, teve lugar neste final de década de 1970 e nos anos 80.

Historicamente, no repertório criado por Rodrigo Pederneiras para o Grupo Corpo, o primeiro grande sucesso foi com *Prelúdios* (1985), com música de Chopin, em que sua capacidade de traduzir visualmente uma partitura aparece de modo definitivo. As coreografias seguintes – “*Bachiana*” e “*Carlos Gomes Sonata*” (1986), “*Canções*”, “*Duo*” e “*Pas Du Pont*” (1987), “*Schumann Ballet*”, “*Rapsódia*” e “*Uakti*” (1988) – acentuam a maneira característica de Rodrigo construir um desenho espacial. Toda esta produção de meados da década de 80 ainda estava fortemente ligada à técnica clássica, associada a alguns elementos da dança contemporânea. Até 1992 a base clássica vai sendo quebrada aos poucos por movimentos das danças populares e de rua, trazendo ao palco o que é visto pelas plateias leigas e críticas como “a maneira particular do brasileiro se mover”, ainda que não fosse meramente uma folclorização.

Para Rodrigo Pederneiras, “a bacia é o centro do corpo, é o que faz acontecer o resto”. De fato, a centralidade do quadril passa a ser um traço marcante na linguagem corporal da companhia, que mistura gingados, congadas, folias, quadrilha e uma paradoxal resistência ao contato com a superfície. Sobre esta dualidade, diz Eliane Moraes (2001):

Ao aceitar o desafio de trabalhar com essas duas forças opostas, mantendo-as em equilíbrio, Rodrigo Pederneiras cria uma linguagem própria, cuja complexidade jamais se traduz em afetação, marcando a identidade do Grupo Corpo no panorama da dança contemporânea. [...] O corpo, tendo encontrado seu centro a partir do chão, nada mais tem a apresentar senão a si mesmo.

Sobre o singular processo coreográfico de Rodrigo Pederneiras, Luis Fernando Veríssimo (2001) declarou:

[...] é fácil para qualquer um ver um balé do Corpo com motivo brasileiro, música do Nazareth ou o que seja, e dizer que só brasileiros autênticos poderiam fazer aquilo. Mais difícil, e é aí que conta a inexprimível coisa, é você não saber nada sobre o Corpo, entrar num teatro de Paris por acidente e ver bailarinos no meio de um balé abstrato, malhas pretas contra um fundo cinza, com nada que indique sequer o hemisfério de origem do grupo, e mesmo assim matar: são brasileiros.

Inês Bogéa (2001, p. 28), que integrou o elenco do Grupo Corpo durante muitos anos e hoje dirige a São Paulo Companhia de Dança, detalha o processo coreográfico de “21”: “A maior parte dos gestos nasce de um arqueamento dos passos clássicos; [...] ganham outras linhas e outro caráter a partir de manobras variadas de amplificação e torção”. A referência visual

cenográfica e de figurinos é também muito definida: a ocultação inicial dos corpos pela luz é seguida de sua libertação, numa área de brilhos e cores. Destacou-se a interpretação de Jaqueline Gimenes, que “encarna 21 com uma vitalidade arrebatadora; seu corpo tem um acento próprio, que define a segunda parte da coreografia” (BOGÉA, 2001, p. 28). Com biotipo brasileiro, Jaqueline personifica vivamente a movimentação de “21” e recebe em 1995 o Troféu Mambembe de Dança, do Ministério da Cultura.

“21” é coreografado sobre jogos de números sugeridos pelas partituras geometrizadas do paulista Marco Antônio Guimarães, do grupo Uakti. As cenas coreográficas são trabalhadas em função das divisões rítmicas possíveis do número 21, mas o verdadeiro diferencial estava em sua movimentação mais cadenciada, rica na utilização dos tempos musicais. Surgem gestos ondulados, braços que remontam a danças folclóricas brasileiras e liberdade aos quadris, sem a perda dos parâmetros biomecânicos que garantem o êxito do movimento. Os corpos brasileiros, curvilíneos, não constrangeram a figurinista Freusa Zechmeister, que, em lugar de “disfarçá-los”, valorizou-os com trajes reveladores da silhueta, abrindo mão até mesmo do zíper para vestir os bailarinos pela abertura dos ombros, como que entrando em um tubo, garantindo total aderência do tecido ao contorno corporal. Nas malhas coloridas, em diversos estampados, Freusa não temeu a magnificação do porte dos bailarinos em cena, importando apenas que a palheta de cores refletisse o momento coreográfico explosivo. O espetáculo “21” inaugura uma nova fase na dança do Grupo Corpo e – pode-se dizer retrospectivamente – na dança brasileira.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, D. **Balé, uma arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. 348 p.

BELL, J. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BOGÉA, I. **Primeira Estação**: ensaios sobre a São Paulo Companhia de Dança. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009. 336 p.

_____. **Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. 208 p.

CALDAS, P. O movimento qualquer. In: WOSNIAK, C. et al. **Seminários de dança**: o que quer e o que pode [ess]a técnica. Joinville: Letra d'água, 2009, p. 34-44. 176 p.

CAMINADA, E. **História da dança**: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999. 486 p.

CAMPOS, G. **Glossário de termos técnicos do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989. 159 p.

CATTANI, I. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITTES, B; TESSLER, E. **O meio como ponto zero**: metodologia de pesquisa em artes visuais. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002, p. 35-50.

DANTAS, M. F. **Ce dont sont faits les corps anthropophages: la participation des danseurs à la mise en oeuvre choréographique comme facteur de construction de corps dansants chez deux choréographes brésiliennes**. 2008. Tese de doutorado. Université Du Québec à Montreal. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15587> > Acesso em 23 abr 2012.

DANTAS, M. F. **Dança: Forma, técnica e poesia do movimento**. 1996. Dissertação de mestrado. Unversidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1489> > Acesso em 23 abr 2012.

DICK, B. **Grounded theory**: a thumbnail sketch. Publicado em: 2005. Disponível em: <<http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/grounded.html>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FREITAS, N. K. **A diversidade na pesquisa em artes visuais**: ciência com consciência. Grupo de Pesquisa, Arte e Educação. I Encontro Interdisciplinar. Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos2/artigo-prof_neli_klix_freitas.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2011.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 1889 p.

GRUPO CORPO. **Obras**: 21. Disponível em: <<http://www.grupocorpo.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

PEREIRA, R. **A formação do balé brasileiro**: nacionalismo e estilização. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 332 p.

REIS, D. **Representações de brasilidade nos trabalhos do Grupo Corpo**: (des)construção da obra coreográfica 21. 2005. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2005. Disponível em: <http://www.luciavillar.com.br/bibliodance_3b.htm>. Acesso em: 24 abr. 2011.

REIS, D. **Grupo Corpo: o nacional na cena da dança contemporânea**. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH-SP/Unicamp. Campinas, 6 a 10 de setembro 2004.

REIS, S. R. **Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo**: dança universal. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. (Coleção Aplauso/Série Dança)

SALLES, C. A. **Gesto inacabado; processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTANA, I. **Corpo e(m) imagens nas “novas” configurações de dança**. In: WOSNIAK, C. et al. Seminários de dança: o que quer e o que pode [ess]a técnica. Joinville: Letra d’água, 2009. 176 p.

SARAIVA, E. V. **Um “Pas de Deux” da estratégia com a arte: as práticas da Companhia de dança Grupo Corpo**. 2009. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências Econômicas, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=189611&co_midia=2>. Acesso em: 24 abr. 2011.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L & PM, 2007.

STRAZZACAPPA, M. **A arte do espetáculo vivo e a construção do conhecimento: vivenciar para aprender**. In: FRITZEN, C; MOREIRA, J: Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 77-118. (Coleção Ágere)

TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, V. **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores associados, 1998.